



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## OS FUNDADORES DA REVISTA *CONTORNO* (1953-1959) OU QUANDO O JUDAICO É UMA INTERTEXTUALIDADE VITAL.

Pilar Roca Escalante

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

[pilarocaes@hotmail.com](mailto:pilarocaes@hotmail.com)

**Resumo:** Trataremos aqui de um exemplo do judaico entendido como escolha subjetiva que se alimenta das tradições judaicas embora se desenvolva de maneira autônoma respeito da estruturação religiosa que se identifica como judaísmo. Partindo da afirmação do historiador Gershom Sholem de que a revelação e a tradição são categorias do pensamento religioso judaico desenvolveremos algumas considerações sobre o judaísmo como uma identidade dada, versus o judaico como uma identidade não necessária nem contingente que se revela no devir da história e que se realiza só a partir da escolha dos seus agentes. O exemplo de que trataremos aqui se centra na intertextualidade dos irmãos Ismael e David Viñas editores da revista literária *Contorno*, referência para a geração que durante os anos subsequentes irá ocupar os centros do pensamento argentino. O nome dado é uma clara referência a seus limites imediatos e a adoção de uma atitude proativa perante a realidade sociopolítica que envolve o país durante o primeiro peronismo (1946-1955). Os Viñas são filhos de um casamento misto entre um pequeno burguês e uma judia russa que ambos irmãos consideram como sua referência ética mais forte. A assinação de papéis aos pais não foi imediato se não um processo que impregna a intertextualidade dos dois irmãos. Como pensadores de talante marxista, a opção pela política atravessa o cânon literário da época e derruba autoridades, oferecendo critérios sociopolíticos para a escolha e apreciação de uma nova expressão ética que neles tem origem na compreensão inconsciente, porém dinâmica, do judaico. A compreensão plena chegará, no entanto, após a vivência de outra marca

judaica, o exílio, quando os dois irmãos se reúnem virtualmente e entrelaçam as suas textualidades para declarar as escolhas perante a opção do judaico.

**palavras-chave:** Revista Contorno; David Viñas; Ismael Viñas; judaico.

Em 1990, a revista *Noaj* (Ano IV, nº5, Junho 12) reúne virtualmente os irmãos Ismael (1925-2014) e David Viñas (1927-2011) que vivem situações existenciais diferentes. David fala desde Buenos Aires, ao passo que Ismael o faz desde Israel, sem perspectiva de retorno a seu país de origem. Ambos eram lembrados no médio acadêmico argentino pelo desenvolvimento crítico da literatura nacional por parte de David y pela participação de Ismael em várias organizações políticas que, se bem minoritárias, tiveram uma forte influência no âmbito estudantil universitário. Mas sobre tudo estavam vinculados a uma memória fundadora pois entre 1953 e 1959 haviam editado a revista literária *Contorno* que teve seus desdobramentos expressamente políticos nos *Cuadernos de Contorno* já editados em solitário por Ismael.

A ênfase dada à perspectiva histórica fez de *Contorno* uma referência para a geração que durante os anos subsequentes irá a ocupar o centro do pensamento socioliterário argentino de esquerdas. Para intelectuais como Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia, Josefina Ludmer, Teresa Gramuglio ou Jorge Lafforgue, a revista é seu mito fundador e a ela se remetem para dar partida a construção dos seus discursos e dirigi-los.

O nome dado pelos editores indicava uma atitude proativa perante a realidade sociopolítica da Argentina do primeiro peronismo (1946-1955), época na qual cristalizava a identidade nacionalista argentina e cuja análise foi implícita ou explicitamente centro da sua programática. A revista se pautou em categorias históricas que permitiram dinamizar a crítica, valorizou o realismo literário, contestou e se afastou do cânon vigente centrando-se nas formas particulares da língua e da literatura produzidas localmente.

Como temos apontado nas primeiras linhas, no momento em que a revista *Noaj* os reúne numa conversa virtual na qual, como frisado acima, os irmãos vivenciam situações vitais diferentes e, acrescentamos aqui, em aparência divergentes. David está na Argentina posterior à ditadura, retornado ao país trás longas estadias na Espanha e no México, além de alguns convites para ministrar aula em USA, fruto do exílio ao qual foi obrigada por ocasião da ditadura militar entre 1976 e 1983, enquanto Ismael permanece em Israel, num exílio do qual confessou que *não conseguia voltar*.

Contrariamente ao que se possa pensar inicialmente, estas não são situações existenciais motivadas exclusivamente pelos fatos externos. Na verdade elas foram consequência de uma longa vida de decisões perante a própria história pessoal.

Com efeito, no referido artigo da revista Noaj, ambos irmãos entrelaçam as suas textualidades para reflexionar sobre a sua identidade judia desde a memória familiar, que reconhecem mestiça, e as escolhas políticas dentro de dois nacionalismos de formação recente: o argentino e o israelense. Veremos como eles acabam por fazer da sua adesão ao seu judaísmo uma escolha vital e política que surge e se explica no que aqui consideramos o complexo fenômeno do *judaico*.

A história dos Viñas não é muito diferente da história da maioria dos argentinos, que se explica desde a mistura de procedências, línguas e culturas. São filhos de um casamento misto entre um pequeno burguês, Ismael Pedro Viñas, com suspeitas de remotas gotas de cristão novos nas veias, vinculado à política radical durante os dois mandatos de Hipólito Yrigoyen (1916-1921 e 1928-1930) e Esther Porter, uma judia russa que havia chegado à Argentina com cinco anos de idade e que ambos irmãos a definem como a mais crioula do casal, no sentido hispânico do termo.

No entanto, eles conseguem nesse texto interligado dar ao relacionamento que há entre uma experiência de vida e as opções políticas realizadas na maturidade um sustento não tanto intelectual quanto biográfico. As claves estão em como se relacionam com a mãe. Embora nenhum dos dois irmãos a caracterizem formalmente como judia, e até lembrem que ela era quem mais se preocupava com que os filhos soubessem o hino nacional, ambos coincidem em considerá-la como a sua referência ética mais forte. E com frequência em seguida ambos lembravam como mostra do caráter preeminente da mãe, que nos anos vinte do século passado na Argentina, quando ela falava de política, os homens paravam para escutá-la. Foi ela quem pressionou o seu marido para interceder pelos tosquiadores da Patagônia em Rio Gallegos durante as greves da Patagônia deflagradas entre 1920 e 1921. Como prova do reconhecimento, por ocasião da sua morte, os operários lhe entregaram uma placa *in memoriam* na que estava escrito "À companheira Ester, os obreiros da Patagônia". Placa que, não entanto, o pai dos Viñas nunca ousou colocá-la no túmulo.

Mas para os filhos teve um efeito pior ainda o fato da permanência do pai no Partido Radical, pois ao invés de assumir seu fracasso político em decorrência da massacre da Patagônia que seguiu às greves, referendou sempre seu radicalismo, inclusive quando a ala de esquerdas do partido abriu um julgamento político contra ele ao pedir justiça para os tosquiadores, sendo silenciado sob as palavras de, na época, o presidente da república, Hipólito Yrigoyen, que lhe disse: "Senhor Viñas, as instituições não podem ser julgadas, porque são os pilares da pátria" (ROCA, 2005, p.57).

A valorização do papel do pai e da mãe que os dois irmãos fazem culmina, portanto, trás um longo processo de decisões políticas e de uma trama de exílios que impregna a intertextualidade dos dois irmãos ao se encontrar virtualmente entre as palavras da revista que os convoca. Durante a sua fala, David indaga na sua memória e explica a situação existencial de cada um deles pela via da escolha pessoal e política, o que envolve opções perante os nacionalismo nos quais eles estão e talvez sempre estiveram submersos. Enquanto ele, David, havia escolhido o pai, seu irmão, Ismael, havia optado pela mãe, o que deixava este do lado judío da família.

Porém, ele não se exclui. David aborda a identidade judaica como um jogo entre uma série de opções entorno a matizes, prioridades ou níveis de aprofundamento que exemplifica no uso do pseudônimo. O pseudônimo havia sido comum em *Contorno* para, segundo eles, mascarar o fato de serem poucos. Mas ele destaca que havia sido significativo entre autores judeus argentinos. Ele opõe *Sarmiento* ao pseudônimo *Cesar Tiempo*, que esconde o escritor argentino Israel Zeitlin nascido em Ucrania. Sem aprofundar muito, porém sinalizando um profundo caminho de reflexão que Ismael confessa nem sempre acompanhar, ele vai marcando as diferenças entre identidades ostentosas e explícitas com relação a outras que parecem desdobrar-se para no entanto volver dentro de si. Reconhece que ele mesmo omitiu do seu nome o "Boris", que o remetia mais claramente a uma origem judia. Esse gesto, compartilhado com Ismael, que também prescinde do "Aarão", não apaga a origem, que por outro lado nunca negaram, senão que talvez os inscreve no que Arendt definiu como a *tradição oculta de ocidente*. Será que também está nele presente a complexa visão de mundo de *Um Deus escondido*? Talvez, pois David assistiu as palestras de Lucien Goldman e o escutou quando professor na Universidade de Los Andes, em Venezuela durante os anos sessenta.

O pseudônimo, ou a *presença escondida*, parece querer indicar um maneira de estar que concilia um nacionalismo local, representado por um David que é um profissional da literatura argentina na Universidade e Buenos Aires e tem decidido voltar anulando o exílio, com outro de teor globalizante sem ser universalista, como é a opção do seu irmão Ismael que permanece nos termos da expulsão. Se pensarmos na possibilidade da existência de dois relógios que marcassem tempos paralelos e complementários, poderíamos propor que o posicionamento no âmbito do judaísmo ou do judaico nasce da natureza dos fatos e do lugar que os agentes envolvidos escolham ocupar nos processos que desde a eclosão da burguesia no século XV até finais do século XIX levaram à formação de nacionalismos contemporâneos.

Eric Hobsbawm e Gershom Sholem observam como as sociedades se relacionam com o passado e com a tradição e o/a re-atualizam -ou inovam- dentro de limites que faz com que as modificações sejam legítimas e portanto aceites. Gershom Sholem afirma que a revelação e a tradição são categorias

do pensamento religioso judío e E. Hobsbawm expõe dois modos legítimos através dos quais o passado se renova, (i) mediante uma seleção particular do lembrado ou do que pode ser lembrado, a chamada *historia consciente* e (ii) mediante espaços de folga com relação ao núcleo duro, isto, claro está, desde que não sejam uma ameaça às formas tradicionais ou conscientemente lembradas, os chamados *interstícios*.

Ambos historiadores, amplamente dedicados a estudar a formação dos nacionalismos<sup>1</sup>, nos provêm de boas possibilidades teóricas para pensar o *judaísmo e o judaico* como coordenadas que permitam entender a natureza da evolução dos dois irmãos que se destacam por ter contribuído a formar a nova crítica socioliterária na Argentina. O judaísmo seria a identidade dada (a chamada *tradição* em Sholem e o *passado* em Hobsbawm), ao passo que o *judaico* seria a identidade não necessária nem contingente que se revela no devir da história e que se concretiza a partir da escolha dos seus agentes (a *revelação* em Sholem ou os *interstícios* em Hobsbawm).

Dita escolha, que colocaria a questão judaica nas antípodas da tese sartreana<sup>2</sup>, parte de uma interpretação vital que orienta sobre o que pode ser lembrado e o que deve ser deixado para trás no percurso existencial. O judaísmo seria a estrutura já definida, a tradição, o passado e, inclusive, a religião percebido como um conjunto de valores explícitos expressados no rito que se repete marcando o tempo como um relógio externo (meses, anos, ciclos), isto é, a memória consciente e entendida. Por outro lado, porém simultaneamente, aconteceria o judaico, marcado por um relógio interno e implícito, que redefine e atualiza o judaísmo mediante a revelação, os interstícios do ainda incompleto, a encruzilhada na qual se escolherá uma memória possível para seguir enfrente na dinâmica da história. O judaico, por tanto, é um movimento projetivo típico da mentalidade burguesa, mentalidade que havia ajudado a criar os nacionalismos do século XIX em diante e que evoluem com não poucos paradoxos que permeiam um processo tocado por avanços e recidivas (ARENDRT, 2012 e HOBBSAWM, 1998).

Já seja como limite intransponível que o pai não soube honrar, ou como uma meta existencial, como um norte nas suas vidas pessoais; já seja por fidelidade, no caso de Ismael, ou por impotência, no caso de David, com essa memória compartilhada ambos irmãos a inserem na tradição que o judaísmo parece ter seguido mais fielmente desde o século XV, época de eclosão da burguesia e também do início da consciência nacional moderna que tenta conciliar os movimentos acelerados da dinâmica da história. Esse processo, ao tempo que cria novas estruturas sociais, o estado-nação, desagrega as comunidades que levaram a ela, como observamos no fenômeno específico do caso

<sup>1</sup> Na verdade G. Sholem pode ser considerado como um pensador do nacionalismo israelense.

<sup>2</sup> Talvez, e estamos aventurando uma interpretação, porque Sartre, mais que tratar do judaico trata do anti-semitismo, isto é, de como o judaico é percebido pelo homem de massa.

espanhol, no qual os judeus se convertem de maneira diferente aos portugueses. Se estes derivam até o cripto-judaísmo, os espanhóis entraram no campo da política através dos conselhos das cidades e continuaram tomaram conta do processo nacional que eles haviam ajudado a iniciar mediante a constante função de assessores da coroa castelhana. Desde o século XV, a preocupação de grande parte deles como demonstra a evolução da filosofia do direito e da crítica na literatura, denunciam a imobilidade social. Entramos assim no *judaico, entendido como sensibilidade política nos momentos que as tentativas por parar a dinâmica característica da história cria dispositivos políticos que tendem à desagregação social*. Isto "per se" não significa nada bom ou ruim. O posicionamento perante esse fato dependerá da índole e dos objetivos das pessoas e dos grupos sociais envolvidos no processo.

No entanto, a compreensão plena e consciente das suas escolhas dos dois irmãos Viñas e, portanto, das suas identidades chegará após a vivência de outra marca judaica: a progressiva perda de pátrias mediante o exílio que obedecem a forças divergentes. Assim, a elaboração da textualidade de ambos irmãos é também significativamente divergente pelo que a espaço e tempo se refere, sendo que David fala quando Ismael não pode escutá-lo. O irmão só terá acesso às suas palavras mediante uma fita gravada que um dos editores lhe repassa mais tarde e sobre a qual Ismael escreverá para completar a matéria da revista. Na conversa, ambos tentam elucidar as opções existenciais. As ponderações de David abriram em Ismael uma reflexão sobre o que significava entre eles dois "ser judio".

Nas conversas com Ismael, a ação valente e comprometida da sua mãe era, sem dúvida, o ponto nevrálgico do seu desenvolvimento pessoal, assim como a ação omissa do pai, era uma imensa laja sobre o ânimo. Era significativo que o exílio de Ismael não o havia conduzido a Paris nem Barcelona, senão a Jerusalém. Também era fato que sua consciência judaica havia crescido mediante a sua progressiva perda tanto de pátrias como do lugar político - na verdade duas palavras que aqui podem ser consideradas sinônimas-, e que parecia motivado pela sua opção pela esquerda. No entanto, a mãe -seu referencial ético por antonomásia- carregava características do judaico, essa sensibilidade moderna que impregnava de dinamismo a base tradicional ancorada no passado para receber sangue novo, fazendo possível a sua atualização.

Viver inserido no judaico seria uma maneira de estar no mundo que *percebe a desintegração social como consequência de uma aceleração da dinâmica da história*. Em momentos nos quais novas forças sociais alcançam maturidade e pressionam para ser plenamente incluídos no sistema, essa dinâmica atinge uma aceleração maior da que a estrutura do sistema pode administrar, pondo em questão os equilíbrios que até então funcionaram, e demandando mudanças ou adaptações, o que significa fundamentalmente *posicionar-se como um ser consciente da sua direção política*. Nos casos

permeados pela existência de uma comunidade judia anterior ou contemporânea aos fatos, isso é uma consequência de valores particulares e repassados entre gerações, não sendo, portanto, nem universais nem naturais.

E isso nos leva de volta ao ponto de partida, se *Contorno* foi um mito fundador isso se deveu a que seus editores estavam dotados da sensibilidade necessária para inscrever-se na modernidade, abandonando a pretensão universalizadora das categorias filosóficas para dar entrada ao pensamento provido da mobilidade característica das categorias históricas: o sístole e a diástole que devolvem ao desenvolvimento humano o jogo simultâneo da tradição e da revelação.

## Referencias

- ARENDR, H. **Origens do totalitarismo**. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo, São Paulo, Companhia das letras, 2012.
- HOBBSAWM, E. **Naciones y nacionalismos desde 1870**, Barcelona, Grijalbo Mondadorí, 1998.
- \_\_\_\_\_.-**Sobre História**, São Paulo, Companhia das letras, 2013.
- ROCA, P. **Ismael Viñas**. Ideografía de un mestizo, Buenos Aires, Dunken, 2005.
- \_\_\_\_\_.- **Política y sociedad en la novelística de David Viñas**, Buenos Aires, Biblos, 2007.
- SARLO, B. “Ismael Viñas: el largo exilio del pensador irreverente”. **El observador**. Disponível em <http://www.perfil.com/elobservador/Ismael-Vinas-el-largo-exilio-del-pensador-irreverente-20140427-0058.html>. 2014. Acesso em 14/08/2015.
- \_\_\_\_\_.- "Los dos ojos de 'Contorno'", **Revista Iberoamericana**, vol. XLIX, nº 125, Octubre-Diciembre, 1983, p. 805.
- SHOLEM, G. “Revelación y tradición, categorías religiosas del judaísmo”. **Conceptos básicos del judaísmo**. Dios, creación, Revelación, tradición, Salvación. Madrid, Trotta, 1998, p.75-98.
- VIÑAS, I. “Una historia de Contorno”. **Contorno**. Edición facsimilar, Buenos Aires, Ediciones Biblioteca Nacional, 2007, p.III-IX.
- \_\_\_\_\_.- “Dossier: memoria judía y escritura; hablaba de Ismael y carta a David”. **Noaj**. n.5, junho, 1990, p. 3-13.